

*Discurso na cerimônia de recebimento da
comenda Suprema Distinção da Câmara dos
Deputados*

CÂMARA DOS DEPUTADOS, BRASÍLIA, DF, 27 DE NOVEMBRO DE 2002

*Senhor Deputado Aécio Neves, Presidente da Câmara dos Deputados;
Senhor Senador Ramez Tebet, Presidente do Congresso e do Senado Federal;
Senhores Líderes e Membros da Mesa Diretora da Câmara dos Deputados;
Senhores Parlamentares; Autoridades presentes; Senhoras e Senhores,*

Eu não posso dizer, como o Deputado Aécio Neves e o Senador Ramez Tebet, que fui pego de surpresa. Não fui. Tenho um discurso escrito, mas não vou lê-lo. Não vou lê-lo, porque, depois de ter ouvido as palavras que ouvi aqui, depois de ter sentido o entusiasmo de todos, pelos que foram agraciados, se eles me permitem falar também em nome de cada um, eu queria, de todo o coração, agradecer esta homenagem.

A esta altura da vida, não só de idade, mas de percurso, pode parecer estranho que uma pessoa ainda se sinta comovida com mais uma homenagem. Mas eu me senti. Eu me sinto comovido. Comovido, porque as palavras generosas que foram aqui proferidas, exageradas talvez, tocaram meu coração, como tenho certeza que tocaram o coração de cada um dos agraciados.

Ao cumprimentar meu querido amigo Cardeal Dom Paulo Evaristo, ele me disse sussurrando: “Pois é, começamos juntos e terminamos juntos.” É verdade, Dom Paulo, nós começamos juntos, lá atrás. Começamos numa época em que simplesmente dizer as coisas simples, mas verdadeiras, já era perigoso. Naquela época, não éramos muitos os que falávamos, mas havia quem falasse, também, no Parlamento. Quantos foram cassados? Quantos, porque lutavam pelos seus ideais? E, às vezes, simplesmente por serem honestos e votarem como a consciência mandava, perderam seus mandatos. Quantos foram presos? Alguns torturados. E não poucos.

Eu não vou me esquecer jamais de um dia em que Dom Paulo me chamou. Eu tinha voltado, recentemente, de uma viagem do Chile, porque havia sido assassinado um ex-aluno meu e meu amigo, Herzog. E Dom Paulo não sabia, ou melhor, queria reafirmar o que suspeitava, que nós precisávamos, de alguma maneira, manifestar o nosso inconformismo. Hoje, pode parecer simples tomar a decisão de fazer uma missa. Naquela época não era. E mais difícil, ainda, tomar a decisão de fazer uma missa que não fosse só uma missa, mas um ato ecumênico.

Herzog, o Vlado, era judeu. Eu fui à casa de sua mãe para pedir autorização, para que nós fizéssemos um ato religioso. Ela tinha medo. Ela tinha vindo da Iugoslávia, fugida. Nunca imaginou que pudesse, aqui no Brasil, terra da liberdade, ter seu filho assassinado. E foi a coragem de Dom Paulo que nos motivou a todos, talvez, ao primeiro ato público, aberto, de protesto contra a violência e a tortura. Fomos todos filmados à entrada da igreja, fomos todos vigiados. Até o Presidente da República, General Ernesto Geisel, não saiu de São Paulo até o final, porque ele tinha, também, receio de que, independentemente da vontade dele, que não era a de continuar naquela política, de que, naquele momento, houvesse alguma provocação no ato religioso e isso piorasse ainda mais as condições em que nós vivíamos.

Isso tudo é passado. Passado, que foi vivido por muitos de nós. Quando vi o Valdir Pires receber a homenagem em nome do Celso, eu me lembrei dos nossos almoços em Paris, quando nós estávamos todos no exílio, e não poderíamos imaginar que, em algum dia, estivéssemos,

outra vez, aqui, no Parlamento, exercendo funções com naturalidade, num clima de liberdade. Menciono apenas aqueles que foram mais próximos. Foram tantos! Na verdade, cada vez que se menciona alguém, se esquece de muitos. Mas eu fiquei muito comovido também, ao dar um abraço no Leandro, que não via há tanto tempo, que nunca calou a sua voz e manteve seus pontos de vista, nem sempre coincidentes com os meus, mas certamente de um homem digno, que defende, com clareza, as suas posições de liberdade.

Mas, também, quero agradecer, muito especialmente, aos parlamentares, deputados, senadores, pela voz do Senador Tebet, de se juntar a esta homenagem e de tomar a decisão de nos prestar esta homenagem. Quero agradecer-lhes. Conheço bastante bem o Congresso. O Deputado Aécio diz que passou 16 anos aqui. Eu passei menos, Deputado. “Sou mais moço.” Passei 12, no Senado da República. Trabalhamos muito na Constituinte. Muitos de nós, aqui, participamos da Constituinte. Trabalhos com afinco. Conhecemos, portanto, as dificuldades de buscar um resultado de convergência, mas nós sabemos valorizar o Parlamento. E, talvez, os brasileiros não tomem em consideração o fato de que o Parlamento brasileiro – e parlamento vem de *parlare* – existe para discutir, para dialogar, de que o Parlamento brasileiro é um dos mais antigos do mundo. Talvez só nos Estados Unidos, na Inglaterra, haja uma instituição parlamentar com essa tradição tão longa. Foi fechado algumas vezes, mas, ainda assim, o total não chega a 10 anos. Ele começou a funcionar em 1823, portanto é um dos parlamentos mais antigos do mundo, o que nos dotou, de certa maneira, dessa capacidade de negociação política.

A alguns, em certos momentos, parece que a negociação é algo errado. Equivocam-se. A negociação é a essência da democracia, desde que ela se faça a partir de princípios, a partir de valores, a partir de propósitos e, também, a partir de interesses, quando são legítimos. Mas há que negociar, e não impor, porque, impondo, não se consegue alcançar um objetivo que tenha sustentação a médio e longo prazos. Eu aprendi isso aqui, no Senado. E, quando cheguei, cheguei com muitos preconceitos, porque cheguei aqui em 83. O Presidente ainda era o General Figueiredo.

E, naquela altura, uma vez que eu fui convidado para almoçar com o Senador Virgílio Távora, que vem de relações antigas com a minha família, eu tive que pedir não digo permissão, mas consultar o meu partido, que era o MDB, para saber se eu deveria, porque os ânimos eram tão acirrados que um almoço entre um senador de um partido e um de outro partido, sendo um de governo e outro de oposição, parecia uma coisa rara. Não vou me esquecer, nunca, de que, numa solenidade em que, estando presente o então Presidente da República, ele me chamou – eu não o conhecia; era o General Figueiredo; eu era do MDB, não era nem líder ainda – e eu fui falar com ele. Saiu nos jornais o fato. E falei sobre o quê? Sobre o fato de que o pai dele e o meu pai eram colegas do Exército e tinham sido amigos, coisas banais, que, na época, pareciam altamente conspiratórias.

Mas foi aqui, no Parlamento, e nas ruas, nas lutas pela Diretas Já, nas lutas de São Bernardo, das quais eu participei ativamente, naquelas lutas todas e mais a repercussão aqui, no Parlamento, e mais a imprensa, que teve seus momentos de glória, que nós reconquistamos este clima de liberdade. E hoje, aqui, o que nós fazemos é, de fato, uma festa da democracia. E, ao fazer uma festa da democracia, eu não voltaria tranqüilo, se eu não mencionasse, pelo menos, o nome de alguém que nos inspirou a muitos de nós, aqui, que naquela época foi muito forte: Ulysses Guimarães. E se eu deixasse de lado Tancredo Neves, que nos permitiu um caminho... São muitos os que, pouco a pouco, construíram este clima que, hoje, nós vivemos.

Hoje, depois das eleições, eleições absolutamente tranqüilas, limpas, ganha a oposição. E, ao ganhar a oposição, a preocupação de quem governa é uma só: informar, permitir uma transição democrática, fazer tudo para que o Brasil não sofra descontinuidade naquilo que os vencedores acharem que deva continuar e para que, o que decidirem não continuar, saibam o que estão descontinuando, mas no espírito de construção, não no espírito de destruição. Isso também aprendi aqui, no Parlamento, onde tantas vezes, quando parece que nada vai dar certo, encontra-se uma solução.

É, portanto, com muita alegria, Presidente Aécio, que eu recebo mais esta condecoração. Esta é maior de todas para mim, porque é da Câmara dos Deputados do meu país e é dada a um presidente que, como já disse Dom Paulo, está se retirando e pretende, ao se retirar, não ser uma sombra para ninguém, senão simplesmente fazer reflexões, para saber no que errei e no que, eventualmente, poderei ter acertado, para que todos os brasileiros possam tirar algum proveito dessa experiência, a mais longa que já teve, na democracia, um Presidente da República, para que essa experiência não se perca.

Mas eu fiquei, também, muito satisfeito de receber esta homenagem das suas mãos, Governador Aécio, porque vejo – no seu espírito, na maneira como conduziu esta Casa, na maneira como deu continuidade aos trabalhos, tão difíceis desta Casa, das reformas, sofridas do tempo do nosso Luís Eduardo Magalhães, na maneira como foi possível Vossa Excelência dar continuidade, com esse seu espírito jovial, com generosidade, com cordialidade, sem mágoa, procurando sempre ver mais longe – que as virtudes que Vossa Excelência encarna são as virtudes que se esperam de um político. É, portanto, para mim, muita satisfação.

O Presidente Ramez Tebet, em momentos difíceis, socorreu o Senado da República, concordou em assumir a sua Presidência e permitiu esse encontro entre a Câmara e o Senado e essa continuidade da democracia. Muito obrigado a vocês, aos líderes, a todos, aos partidos, à oposição, aos presentes. Eu só desejo que eu possa ser tão generoso para com cada um de vocês, como têm sido vocês todos, cada um, tão generosos para com um presidente que não fez mais do que cumprir o que a Constituição manda: respeitar as instituições.

Muito obrigado.